

A CRISE DA IGREJA (PROTESTANTE) EPISCOPAL
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Paul Zahl

Catedral do Advento - Birmingham, Alabama, EUA

Como um episcopal norte-americano, sou, também, um evangélico. Devo reconhecer que a crise na (P)ECUSA é dolorosa tanto no que se refere a certos aspectos da nossa "americanidade" quanto a certos aspectos de uma teologia opaca.

O episódio de 11 de setembro de 2001 levou os americanos, pela primeira vez, a tomarem consciência do seu desvio em relação ao resto do mundo. Esse desvio criou uma desconexão. Essa desconexão existe entre o modo como nos compreendemos a nós próprios e o modo como os outros nos compreendem. Os problemas da (P)ECUSA não teriam chegado a ponto de fervura - o cisma da AMIA (Missão Anglicana na América) - se setores influentes da Igreja Americana não tivessem repudiado a *Conferência de Lambeth* de 1998, como se ela nunca tivesse ocorrido. Os episcopais norte-americanos, em grande número, declararam: *"Nós não ligamos nem um pouco para o que o resto da Comunhão pensa acerca da sexualidade humana. Nós seguiremos o nosso próprio caminho. Para essa gente, muitas delas ministros ordenados, é como se a Lambeth 1998 fosse como o Tratado de Kyoto sobre o aquecimento da terra: nunca tivesse existido"*.

Os sintomas atuais da crise da nossa Igreja (Protestante) Episcopal, expressados em termos intra-eclésiásticos, têm sido o domínio inquestionável do "*Catolicismo Liberal*". Esse "*Catolicismo Liberal*" combinou idéias "*liberais*" da Antropologia (p.ex., a negação do pecado original, com uma concepção otimista da natureza humana) com uma forma eclesiástica como a de *William Laud*, porém sem a sua paixão. Em virtude do fato de que o evangelicalismo anglicano morreu nos Estados Unidos em 1874, como resultado do "*Cisma Cummins*", não houve nenhum contrapeso à ascensão do "*Catolicismo Liberal*". Essa ascensão, combinada com o vírus disseminado no anglicanismo de priorizar o eclesiástico ao imperativo do Evangelho, tornou o episcopalismo norte-americano agressivamente superficial.

Vivemos uma crise. Essa é a verdade. Essa crise tem se projetado sobre todo o mundo anglicano, porque, o que acontece nos Estados Unidos, para o bem ou para o mal, se torna epidêmico, dado ao papel hegemônico da economia e da cultura norte-americana.

Quando olhamos para essa Igreja eclética e conflituosa, simplesmente nos perguntamos: *"Como chegamos a esse ponto?"* Como a Igreja cristã que veio para este país em 1607, com o Capitão John Smith e os primeiros colonos ingleses, a Igreja de George Washington e de Thomas Jefferson, de J. P. Morgan e de Franklin D. Roosevelt, percebeu-se em 1998 estando à beira do precipício de um cisma com os seus correligionários do resto do mundo?

Recapitulamos que, até 1874, a Igreja (Protestante) Episcopal nos EUA era como a Igreja da Inglaterra em seu Livro de Oração (LOC) e Artigos de Religião e na sua autocompreensão. Sua principal diferença era a separação do Estado. Tínhamos setores "*altos*", "*baixos*" e "*largos*", éramos prgressistas na liderança do clero, amplamente protestantes em seus costumes eclesiásticos, e, em geral, desconfortável com o reavivalismo e o evangelicalismo extremado.

Com a ascensão do Movimento de Oxford e a ascensão do "*liberalismo*" teológico a Igreja Protestante Episcopal foi incapaz de sustentar uma sólida identidade cristã, alternativa ao espírito do século.

Como sua mãe, a Igreja da Inglaterra, a Igreja (P) Episcopal nos EUA foi afetada até a base pelo tratarianismo e seu filho, o anglo-catolicismo. E, como sua mãe, sua filha foi atingida pelo "*liberalismo*" dos Ensaio e Revisões. Ao contrário da sua mãe, contudo, a filha perdeu o seu baluarte evangélico. Essa perda crucial ocorreu em 1874 por meio de um cisma liderado pelo bispo assistente de Kentucky *George D. Cummins*, que chefiou um pequeno, mas expressivo grupo de evangélicos autoconscientes e clérigos da "*igreja baixa*" para fora da Igreja. Eles estabeleceram a Igreja Episcopal Reformada. Essa Igreja caiu em uma relativa obscuridade, embora tenha

experimentado algum ressurgimento nos últimos 20 anos. O ponto para a Igreja Episcopal é que nós perdemos os nossos evangélicos.

Após 1874 os velhos evangélicos, ou seus filhos, quase sem exceção, foram sendo tragados pelos "liberais" do século XX. Enquanto isso, o anglo-catolicismo crescia, lentamente, de início, mas, posteriormente, sem um contra-peso teológico do protestantismo evangélico, de forma acelerada. Nos anos 1970 a principal força ideológica do episcopalismo americano tinha se tornado tanto "católica" quanto "liberal", ou melhor "católica liberal". Esse é um fato inquestionável.

Em 1979, o novo Livro de Oração (LOC), que não foi decretado como suplementar ao Livro antigo, mas para substituí-lo, tornou-se o ponto alto do "catolicismo liberal" na Igreja Americana. Inclui "correções" ao velho catecismo, com um caráter arminiano, altera completamente o foco doutrinário do ofício de consagração dos bispos, em prova de uma abstrata "unidade da igreja", reduz os 39 Artigos de Religião a um "documento histórico" a par com o "Quadrilátero de Lambeth", substitui inteiramente a tradicional oração matutina, com sua ênfase na pregação com uma pressão de rubricas para o uso exclusivo da "Santa Eucaristia" e a prática de um "Rito II" de caráter não-penitencial, e oferece uma gama de "opções" - que se tornou uma prática universal, e mesmo mandatária - superficialmente católica e de mau gosto.

Porque a Igreja Americana não tinha seus teologicamente evangélicos a bordo de sua *navis ecclesial* (nave eclesiástica) - com exceção de uns poucos que assim se tornaram por influência do Rev. John Stott e de outros evangélicos ingleses durante os anos 1970 e alguns mais que se converteram através do Movimento Carismático, na mesma época - a nave tem sido comandada e dirigida pelas outras duas influências. Essas influências têm determinado seu curso.

A primeira influência é um generalizado preciosismo igrejeiro. A Igreja Episcopal atrai apenas um pequeno segmento da população que gosta de "igreja". Pessoas sérias, necessitadas, estão passando ao largo e indo para igrejas pentecostais, para o catolicismo romano ou para o presbiterianismo conservador. A nós episcopais resta a limitada colheita da gente que gosta de "igreja", com uma oca beleza estética, mensagens e hinos belos e sem conteúdo.

A segunda influência é a cultura que nos cerca. A cultura religiosa de denominações semelhantes à nossa, com débil ensino bíblico. Assim, o lobby feminista ontem e o lobby gay hoje têm sido extremamente bem sucedidos entre nós. Se nada é claramente certo - o ensino bíblico, por exemplo - então tudo é certo.

Por que um cristão bíblico permaneceria conosco, quando não valorizamos o não duradouro e o não bíblico? É o mesmo que acontece com algumas denominações tradicionais, como a Metodista Unida, a Igreja Presbiteriana nos EUA, a Convenção Batista Americana etc.

Minha esposa e eu estudamos no exterior, particularmente com evangélicos da Igreja da Inglaterra. Deus nos levantou na (P)ECUSA e nos pôs em contato com pessoas como George Carey, Michael Green, Colin Buchanan, e, posteriormente, com bispos como Michael Nazir-Ali, Mike Hill e John Taylor. Estudamos também em Tübingen. Tudo isso foi uma boa injeção de anticorpos injetada na corrente sanguínea dos nossos vinte e poucos anos.

Nós cremos que a face de 1979 da Igreja Episcopal dos EUA é uma aberração na história do Anglicanismo. Ela não poderá florescer em um mundo cujas necessidades e catástrofes demandam respostas mais sérias. O presente *ethos* da (P)ECUSA tem pouco a dizer, além da "presença pastoral", a um mundo do pós 11 de setembro. Estamos esperançosos - senão esperançosos em curto prazo - que os eventos e as insistentes necessidades do mundo irão superar a enfermidade da (P)ECUSA e forçar nossa Igreja a retornar às suas raízes. E as raízes estão lá! Tivemos um Nicholas Ridley uma vez, tivemos um Charles Simeon e um John Wesley, tivemos um Janani Luwun, e, mesmo de um diferente ponto de vista, um George Bell. Nós não perdemos nossas esperanças para o Cristianismo Anglicano.

Meu temor, em curto prazo, contudo, é que muitos, senão a maioria das pessoas evangélicas ou comprometidas com a Bíblia, poderão deixar a (P)ECUSA nos próximos 10 (dez) anos. Foi isso que ocorreu em 1874 - que foi um ano decisivo. Os evangélicos mais comprometidos deixaram a Igreja Episcopal. Os mais moderados se aquietaram e perderam o entusiasmo. Seus filhos tornaram-se teologicamente liberais. Tivemos, também, um grande êxodo de episcopais tradicionais após 1979, com a adoção do novo LOC e revogação do anterior. Temo que eles se tornem raros, absorvidos por uma "maioria silenciosa".

Qual é a solução para os problemas da Igreja (Protestante) Episcopal dos EUA? Qual é a nossa esperança, ou por que devíamos orar?

Estou orando por um reavivamento, no estilo de *Wesley*, entre os episcopais. Não é uma oração genérica. O mesmo faço em favor da Igreja da Inglaterra.

A vida e os ensinamentos do Jesus histórico permanecem imensamente atraentes hoje em dia. O diagnóstico da Bíblia sobre a problemática do ser humano continua impactante e apta: ela contém as informações necessárias. A Expição de Cristo, a "*Velha, Velha História*" da Cruz, ainda deve ser pregada. O desconforto universal com a aparente terminalidade da morte é atingido diretamente pela esperança da Ressurreição. Não nos envergonhamos do Evangelho. Ainda tenho esperança.

Tradução e Condensação: Dom Robinson Cavalcanti, OSE